



**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL**



Fundação Universidade Estadual de Maringá

ARTIGO CIENTÍFICO

**O CONTO DE TODO DIA: UMA ABORDAGEM
SOCIO-INTERACIONISTA NA ESCOLA**



ÁREA: Língua Portuguesa

NOME DA PROFESSORA PDE: Célia Garcia Segura

NOME DA ORIENTADORA: Prof^ª. Dra. Margarida da Silveira Corsi

2007/2008

O CONTO DE TODO DIA: UMA ABORDAGEM SOCIO-INTERACIONISTA NA ESCOLA

Célia Garcia Segura*
Margarida da Silveira Corsi*

RESUMO

Ler e escrever são atividades que se relacionam e complementam no processo de ensino-aprendizagem, entretanto, com frequência os professores confrontam-se com dificuldades relativas ao domínio da leitura e da escrita na escola. Tendo em vista estas dificuldades, neste trabalho, nos propomos a elaborar e desenvolver uma proposta de Intervenção com atividades didáticas, utilizando os textos literários em prosa - mais especificamente o gênero conto - como suporte para a leitura e a escrita na sala de aula de 6ª séries. Para o trabalho de produção e aplicação de material didático a partir de contos populares, nos embasamos na concepção sócio-interacionista da linguagem, em que a leitura e a produção de textos se concretizam a partir da enunciação, do dialogismo, e da interação verbal, concernentes à visão de Bakhtin acerca dos gêneros do discurso. As atividades são desenvolvidas nas 6ª séries, do período matutino, da Escola Estadual Professor Léo Kohler – Ensino Fundamental, através de estratégias que visam a incentivar e ampliar as habilidades de escrita e de leitura críticas no aluno, ampliando sua capacidade comunicativa e sua inserção social. A partir da aplicação do material produzido, pudemos perceber que os alunos investigados demonstraram grande interesse pela leitura e pela escrita, superando as expectativas da pesquisa. É o que nos propomos a apresentar neste artigo.

PALAVRAS-CHAVE: Prosa literária. Conto. Leitura. Escrita. Ensino-aprendizagem.

ABSTRACT

Reading and writing are activities that mix and complete in the teaching – learning process, however, often the teachers bring face to face with relative difficulties to the control of the reading and writing at school. Since these difficulties in this work, we offer to draw up and develop a Propose of intervention with educational activities, using the literature texts in prose- more especially the story genre – like support to the reading and writing at the classroom of 6th grades. To the work the production and application of educational material from on the popular stories, we support in the conception socio-interactionist of the language, that the literature and the production of texts concrete from the enunciation, the dialogue, and the verbal interaction, concerning to the sight of Bakhtin concerning the genres of the speech. The activities

* Graduada em Letras em colocar o ano 1988; especialista em Língua Portuguesa; professora da Rede Pública de ensino desde colocar o ano 1989.

* Professora da Universidade Estadual de Maringá/Departamento de Letras; doutora em Letras pela Universidade Estadual Paulista; integrante do Grupo de pesquisa interação e escrita no ensino e aprendizagem (UEM/CNPq).

are developed at 6th grades, of the morning period, of Professor Léo Kohler State school- Elementary school, through the strategies that aim to motivate and expand the abilities of writing and critics reading in the student expanding his communicative capacity and his social insertion. From the application of the produced material, we could notice that the investigated students show large interest for the reading and by the writing over coming the expectative of the research. It's what we propose to present in this article.

KEYWORDS: literary prose. Story. Reading. Writing. Teaching-learning.

1. INTRODUÇÃO

No mundo contemporâneo cresce a conscientização sobre a importância da linguagem, entretanto a escola mostra que, cada vez mais, os alunos têm dificuldades para expressar seu pensamento, de forma clara e objetiva, principalmente através da interação verbal escrita. Além disso, há a falta de hábito da leitura, especialmente de textos literários.

Essa realidade mostra o reflexo de uma deficiência na oralidade, na leitura e na escrita, as quais envolvem a compreensão, a interpretação, a argumentação e a reflexão, portanto impedindo que nossos alunos sejam leitores e produtores de textos proficientes.

Nesse contexto, faz-se necessário descobrir, localizar, analisar, expor as causas dos problemas, para em seguida nos aprofundarmos nos estudos acerca das concepções teóricas e entender como acontece o processo de ensino-aprendizagem e onde estão suas falhas. Partindo dessas informações pudemos conceber atividades pedagógicas que promoveram situações autênticas de comunicação para o aluno superar suas limitações e dificuldades e assumir o seu papel social em relação à linguagem.

Muitas vezes, a dificuldade na leitura e na escrita apresentada pelo aluno compromete seu sucesso escolar, trazendo conseqüências desastrosas como o descaso dos colegas, a exclusão do grupo em que está inserido, a baixa auto-estima, a indisciplina e até a reprovação escolar. Para esses problemas, apontamos várias causas, dentre elas estão as formas como a prática da leitura e da escrita são desempenhadas.

A leitura e a escrita de textos são utilizadas como pretexto para se ensinar a gramática normativa, trabalhando apenas a nomenclatura de forma descontextualizada, com exercícios de assimilação, a partir de fragmentos lingüísticos (frases soltas). Ou seja, o mais importante, torna-se a aplicação de conteúdos a serem avaliados. Com isso é deixada de lado a explicação dos usos e funções da escrita, além de não estimular a leitura de forma mais adequada e efetiva, ficando relegada a segundo plano a tarefa de formar leitores e usuários competentes na escrita.

Outra situação que se observa é que a escola estabelece relações muito rigorosas e definidas para o ensino, limitando o aluno a ler textos pré-determinados, os quais nem sempre são de seu interesse, bem como aqueles inseridos nos livros didáticos, ou mesmo os paradidáticos escolhidos pelo professor, além de se ver obrigado a escrever por padrões previamente convencionados, sabendo que seu texto será julgado e avaliado por um único leitor, que é o professor. Este aluno que nem sempre lê o que gosta, não escreve o que realmente sente, acredita ou pensa, mas aquilo que vai agradar o seu leitor previamente estabelecido (o professor).

Daí vem a contradição. Não é o pensamento do aluno que o texto reflete, mas o pensamento do professor, que também é ditado pelas normas da escola. Com isso, o professor deixa de cumprir com algumas de suas funções, pois de acordo com os PCNs (1998, p. 23), cabe a ele

planejar, implementar e dirigir atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação do aluno, procurando garantir a aprendizagem efetiva. Cabe também assumir o papel de informante e de interlocutor privilegiado, que tematiza aspectos prioritários em função das necessidades dos alunos e de suas possibilidades de aprendizagem.

Também podemos acrescentar a questão da formação do professor que, em seu curso de licenciatura, nem sempre teve uma formação mínima para uma real reflexão sobre a relação língua, linguagem e pensamento. Este geralmente foi voltado para a gramática normativa, privilegiando somente o plano da nomenclatura. Com isso, o professor não conhece profundamente a língua e encontra dificuldade para ensiná-la.

Na nossa prática, e através de uma sondagem sucinta, percebemos que as dificuldades levantadas também acontecem em nossa escola. Na tentativa de resolução do problema, propusemos a aplicação de uma proposta sócio-interacionista, em que a leitura e a produção de texto concretizam as teorias que norteiam a enunciação, o dialogismo, a interação pela linguagem e os gêneros do discurso, relacionados à visão de Bakhtin acerca da interação verbal e tendo como suporte os textos literários em prosa.

Com a nossa experiência com os textos literários em prosa, elaboramos e desenvolvemos atividades pedagógicas com narrativas, mais especificamente com contos populares, numa abordagem que propõe a trajetória da oralidade, da leitura, passando pela escrita até chegar à reescrita do gênero proposto, através de estratégias que incentivaram e ampliam as habilidades de escrita e leitura críticas do nosso aluno, expandindo sua capacidade comunicativa e sua inserção social.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os princípios teóricos que norteiam nosso trabalho estão pautados na teoria sócio-interacionista da linguagem. Para tanto, lembramos que, na concepção de Bakhtin, a linguagem é analisada a partir da interação entre os indivíduos envolvidos numa prática social; a língua não é apenas um amontoado de palavras, nem é individual, mas acontece através da interação verbal, abrangendo todo o conhecimento que o locutor possui do interlocutor (destinatário), na sua responsividade e no diálogo, dentro de um sentido mais amplo, seja na fala (quem fala, fala para alguém e com alguém), na leitura (quem lê, decodifica, compreende, interpreta e apreende algo) e na escrita (o que se escreve responde a alguma coisa, pois confirma, discute ou propõe algo a um grupo social).

Assim, afirma Bakhtin que:

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas lingüísticas nem pela enunciação monológica

isolada, nem pelo ato psicofisiológico, de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.

Mas pode-se compreender a palavra “diálogo”, num sentido amplo, isto é, não apenas com a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (1992b, p.123).

Os enunciados sempre se organizam com determinadas finalidades de ordem temática, composicional e estilística, que os enquadram pelas suas características como pertencentes a este ou aquele gênero. Assim, tomamos o conceito de gênero como objeto para o ensino. Bakhtin (1992b) compreende que esses enunciados são individuais quando utilizados isoladamente, mas em outras situações a língua constrói enunciados relativamente estáveis denominados gêneros do discurso e que essa fatura de construções e formas pode variar, de um bilhete a um conto.

As Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para Educação Básica do Paraná definem gênero da seguinte forma:

O gênero, antes de constituir um conceito, é uma prática social e deve orientar a ação pedagógica com a língua, privilegiando o contato real do estudante com a multiplicidade de textos produzidos e que circulam socialmente. Esse contato com os gêneros, portanto, tem como ponto de partida a experiência e não o conceito.

Nessa concepção, o texto é visto como lugar onde os participantes da interação dialógica se constroem e são construídos. Todo texto é, assim, articulação de discursos, vozes que se materializam, ato humano, é linguagem em uso efetivo. Acrescente-se a isso que as considerações de Bakhtin sobre o lugar da fala trazem para o âmbito da discursividade as relações sociais (SEED, 2006, p. 21).

Expressando-se através da linguagem, o indivíduo utiliza-se de textos (enunciados - orais ou escritos), escolhe a forma e o que dizer dentro de um contexto sociocultural e espera uma atitude responsiva, seja de concordância, discordância ou réplica. Às formas de enunciados mais complexos é dado o nome de gêneros secundários do discurso. De acordo com Bakhtin, os gêneros do discurso podem ser primários (espontâneos e simples) como a réplica de um diálogo ou um bilhete, ou secundários (mais elaborados e complexos), como o conto ou a novela.

Os gêneros literários, por serem mais elaborados e complexos enquadram-se dentro dos gêneros secundários, mas não deixam de ser um enunciado real, pois possuem um locutor (autor-escritor) e um destinatário. Em relação a isso Bakhtin coloca que:

A concepção que o locutor (ou escritor) faz do destinatário de seu discurso é um problema importantíssimo na história da literatura. Cada época, cada movimento literário, nos limites de uma época e de um movimento, se caracteriza por sua concepção particular do destinatário da obra literária, por uma percepção e uma compreensão particulares do leitor, do ouvinte, do público, de audiência popular (1992a, p. 324).

O texto literário oral ou escrito é uma forma de produção e apreensão de conhecimento que envolve características que variam e ornamentam um tipo particular de uso da linguagem e a escola pode contribuir para a formação de leitores e escritores aptos a reconhecer as sutilezas, as peculiaridades, os sentidos, as influências e a profundidade das construções literárias.

É necessário considerar o papel da leitura no processo de ensino-aprendizagem do texto-literário na escola. Nesse contexto podemos definir leitura como um processo de produção de sentidos que acontece a partir das interações sociais e dialógicas entre o leitor e o texto. O leitor se torna co-autor do texto, pois produz sentido, está dialogando com o autor, com outros textos lidos, com o contexto de produção, de leitura e com os intertextos.

As Diretrizes Curriculares de Língua Portuguesa para a Educação Básica (SEED, 2006, p.26) afirmam que:

o leitor constrói e não apenas recebe um significado global para o texto: ele procura pistas formais, formula e reformula hipóteses, aceita ou rejeita conclusões, usa estratégias baseadas no seu conhecimento lingüístico e na sua vivência sócio-cultural, seu conhecimento de mundo.

O processo de leitura, segundo uma visão psicolingüística possui quatro etapas, a saber, decodificação, compreensão, interpretação e retenção (CABRAL, 1986, apud MENEGASSI, 1995, p. 86). Essas etapas têm funções distintas, mas acontecem simultaneamente. A decodificação dos signos lingüísticos encaminha o

leitor para a próxima etapa que é a compreensão, a qual além dos recursos gramaticais, as idéias do texto são captadas e pode-se expandir a leitura. A interpretação é a fase de utilização da capacidade crítica do leitor, o momento em que faz julgamento sobre o que lê (CABRAL, 1986, apud MENEGASSI, 1995, p. 88). Na retenção, o leitor será capaz de apreender, gravar na memória as informações ou idéias mais importantes do texto.

Menegassi ressalta que “a interpretação é um processo muito mais amplo, pois necessita da compreensão, a retenção resultante dela também será mais profunda. Assim, ao leitor é melhor reter informações a partir da interpretação e não só da compreensão” (1995, p. 89).

Bakhtin (1992b, p.123) coloca que “o discurso escrito é de certa maneira integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc”. Assim, diríamos que na produção escrita são as condições de escrita que determina o discurso: quem escreve, o que escreve, para quem escreve, para que escreve, por que escreve, quando, onde e como se escreve.

Também consideramos que cada gênero textual possui suas particularidades: a composição, a estrutura e o estilo que variam conforme a produção de um conto, uma poesia ou um bilhete. Essas composições foram apresentadas aos alunos a partir de experiências reais e para que eles se envolvessem com os textos que produziram e assumissem a autoria do que escreveram.

Em relação à escrita, Garcez se posiciona da seguinte forma:

[...] o texto escrito, enquanto ação com sentido, constitui uma forma de relação dialógica que transcende as meras regras das relações lingüísticas, é uma unidade significativa de comunicação discursiva que tem articulações com outras esferas de valores. Exige a compreensão como resposta, e esta compreensão configura o caráter dialógico da ação, pois é parte integrante de todo processo da escrita e, como tal, o determina (1998, p.63).

Nesse contexto nos interessa colocar que o texto literário em prosa será nossa opção de proposta de trabalho com objetivos previamente delineados, com ações planejadas e avaliadas quanto ao processo e produto final, sempre buscando

auxiliar a formação dos alunos no processo ensino-aprendizagem, tornando-os leitores e produtores de textos mais proficientes. Nessa proposta, cabe ao professor de Língua Portuguesa propiciar a leitura e a escrita do gênero narrativo (contos), pois é seu o papel de mediador do conhecimento no processo ensino-aprendizagem, através de estratégias e de uma postura educadora, interagindo e propiciando o crescimento intelectual do aluno.

O conto é um tipo de texto literário formado por diversos elementos característicos de sua composição, pela articulação de vários elementos morfológicos e sintáticos com outras peculiaridades dos gêneros, possui objetivos bem determinados, cujo entendimento enquanto gênero narrativo está na trama, na sua finalidade de levar o leitor ao final, que normalmente coincide com o clímax da história. É construído com o objetivo de prender a atenção do leitor através das descrições, dos diálogos e da condução do narrador, fazendo-o se identificar com as personagens, vivenciando suas experiências, utilizando a imaginação e a fantasia.

O conto faz parte das narrativas populares, pois originalmente era marcado pela oralidade, o contador prendia a atenção dos ouvintes, contagiava-os para uma participação apreciativa, durante a enunciação (fala), através dos gestos, da modulação da voz e das expressões faciais. Na escrita, o narrador/escritor, para cumprir a mesma função, utilizá-se de vários recursos como a descrição, o suspense, as onomatopéias e hipérboles, afirmando seu caráter literário. Observamos também uma diferença entre o conto tradicional e o conto moderno. Segundo Guimarães:

[...] o conto moderno se diferencia do tradicional pela estrutura e técnica no modo de narrar: no tradicional, a ação e o conflito passam, de forma geral, pelo desenvolvimento até o desfecho, com crise e resolução no final; no moderno, a narrativa não segue necessariamente este esquema convencional, fragmentando-se e evoluindo de um enredo linear para um diluído, às vezes, sem ação principal, com estados interiores tomando lugar principal (2000, p. 89).

Na sala de aula, conhecendo as características e os elementos da narrativa, os alunos poderão conhecer melhor, apreciar e produzir contos que falem de amor, mistério, fatos do cotidiano, etc, buscando o sentido do texto de maneira

crítica e criativa, compreendendo os aspectos discursivos e deles se apropriando gradativamente.

Assim, nossa proposta de trabalho com o gênero literário visa a criar condições de o educando, através da oralidade, leitura e escrita, ampliar sua capacidade comunicativa e sua inserção no espaço em que vive, tornando-o um aluno mais motivado, mais participativo e mais questionador e ampliando suas possibilidades de aprendizagem.

2.2 METODOLOGIA

A metodologia utilizada em nossa pesquisa seguiu a preparação, aplicação e análise dos resultados de um questionário com as informações sobre os alunos, através do qual foram levantados aspectos relacionados à escolaridade dos pais, ao incentivo, aos hábitos e preferências acerca da leitura, bem como as dificuldades que encontram na escrita. Também foram sondados acerca da utilização da biblioteca da escola e das leituras feitas em sala de aula.

De posse dos resultados dos dados alcançados e analisados, levantamos as dificuldades enfrentadas pelos alunos, no que diz respeito à leitura e à produção de textos, elaboramos um projeto de intervenção, aliando a teoria consultada à prática de sala de aula, onde criamos situações em que a oralidade, a leitura e a escrita tiveram uma finalidade específica, de modo que os alunos se apropriassem do conhecimento, tornando o estudo mais significativo como condição de atuação autônoma e conseqüentemente, mais cidadã.

A ênfase da intervenção recaiu sobre o gênero literário em prosa por considerarmos que estes textos favorecem a inferência, a percepção das entrelinhas, a compreensão, a interpretação dos jogos de palavras, a retenção das informações e as escolhas de linguagens que constroem estilos.

Procedendo de forma criteriosa na elaboração das atividades da intervenção, durante os dois primeiros trimestres, e de acordo com o cronograma, foram desenvolvidos os trabalhos em etapas que consistiram em leitura, compreensão, interpretação de narrativas, estudo dos elementos que compõem a narrativa, análise de contos, escrita, reestruturação, revisão e reescrita de contos de sua própria autoria, entrega de cópias para o professor, edição e lançamento da

coletânea, durante uma noite cultural promovida pela escola, além da publicação dos melhores contos no jornal da cidade e no site da escola.

2.3 DESCRIÇÃO DA PESQUISA

Após a análise dos dados levantados através da pesquisa com os alunos, elaboramos um projeto de ação, cujas atividades foram aplicadas em uma seqüência de etapas. Na apresentação do projeto, a professora expôs a proposta de trabalho com os contos e as etapas que seriam desenvolvidas durante o projeto: *O conto de todo dia*.

No estudo do *texto O Compadre da Morte* foi entregue para cada aluno da turma uma cópia impressa do texto narrativo, bem como a biografia do autor (Luís da Câmara Cascudo – Contos Tradicionais do Brasil), para fazerem a leitura individual e coletiva.

Também se pediu para que os alunos contassem outras histórias de terror e assombrações que eles ouviram quando eram pequenos e então registrassem, no caderno, o conto que mais gostaram de ouvir (a professora solicitou para colocarem o nome do contador da história que ouviram e também o nome do aluno que escreveu o conto). Depois, em grupo, fizeram a reestruturação com a supervisão e auxílio da professora, a qual permitiu a reformulação, correção, alteração de passagens do texto e escrita da versão definitiva (reescrita do texto).

Nessa atividade, os alunos e a professora compartilharam informações para ajudar a organizar os conhecimentos sobre as narrativas. A professora levou o conto *Biruta*, distribuiu uma cópia para cada aluno, bem como a biografia da autora Lygia Fagundes Telles. Fizeram a leitura, a compreensão e a interpretação do texto, depois extravasaram as emoções provocadas pelo conto e relataram experiências semelhantes vividas por eles ou por pessoas conhecidas.

Em seguida, a professora propôs uma segunda leitura. Cada aluno leu um trecho, ao qual se apresentou espontaneamente, voltando-se para as referências do texto, aos personagens, à seqüência de ações, ao espaço, ao tempo e ao foco narrativo. À medida que a leitura se desenvolveu, a professora chamou a atenção dos alunos para cada aspecto dos elementos que compôs a narrativa e registrou no quadro. Quando terminou pediu para anotarem os registros no caderno, pois aquela

análise dos elementos da narrativa os ajudou a executarem a próxima atividade proposta que foi a análise de um outro conto.

Nesse outro conto: *A Aranha*, de Orígenes Lessa, o professor ofereceu uma cópia do texto junto com um roteiro de análise para cada aluno, fez uma leitura para a turma, disse para os alunos que “cada conto oferece um universo de possibilidades que merecem ser vistas e apreciadas por eles”, abriu espaço para a emissão de opiniões e sugestões. Pediu para fazerem à releitura do texto, desta vez dialogado. Depois, propôs que, em grupo, os alunos desenvolvessem o trabalho com o roteiro de análise e registrassem no caderno, e em seguida, apresentassem suas observações sobre a narrativa, recursos de estilo e outros aspectos presentes no texto.

O passo seguinte foi levar para a sala de aula diversos livros de contos para os alunos conhecerem outros contos e criarem suas idéias para a escrita de seus próprios contos. Na aula seguinte os alunos contaram para os colegas as histórias lidas e deram a opinião sobre os contos.

Em seguida, a professora pediu para criarem seus próprios contos, lembrando-os que precisavam prender a atenção do leitor ao contar os fatos, envolvê-lo com a sua narrativa, fazendo-o espelhar-se na história. Após escreverem os contos, em grupo, os alunos fizeram a reestruturação de seus textos, sempre com o auxílio do professor, quando puderam arrumar, completar ou alterar passagens, melhorar e reescrever o texto até que cada autor considerou que seu conto estava pronto.

De posse dos textos revisados e reescritos para a divulgação, os alunos entregaram uma cópia ao professor e em conjunto combinaram o formato final de uma coletânea: título, diagramação, capa, ilustrações, etc. Coube ao professor, em conjunto com a direção fazer a edição e em parceria com os alunos a divulgação e a organização do lançamento.

O lançamento da 1ª coletânea de textos: *O Conto de Todo Dia* (capa em anexo), aconteceu durante a comemoração do aniversário de cinquenta anos da escola, no mês agosto, em um evento festivo que contou com a presença de toda a comunidade escolar, dos pais e familiares.

Cada aluno presente, durante a noite cultural e literária, pôde assistir a apresentação dos contos selecionados pela turma e ganhou um exemplar da coletânea.

A publicação dos contos foi um momento importante, mas também foi imprescindível fazer uma avaliação com os alunos, retomando todas as etapas realizadas, fazendo um balanço, através de instrumentos de coleta de dados, dos avanços alcançados durante todo o desenvolvimento da proposta, uma análise de seus progressos e das dificuldades que ainda precisam ser superadas, para continuar progredindo na construção do conhecimento.

Os alunos e a professora concluíram durante esta avaliação que houve uma acentuada melhoria em relação à oralidade, à leitura e à escrita, devido aos instrumentos de avaliação utilizados durante o desenvolvimento das etapas que permitiram uma imagem completa, clara e definitiva da realidade, revelando como se pretendia avaliar. Para isso, utilizou-se de critérios em várias atividades avaliativas como a atividade de leitura compreensiva, produção de textos, apresentação oral, pesquisa de campo, debate, atividades com textos literários, trabalho em grupo, questões discursivas e objetivas.

Nesse contexto, o processo de avaliação requereu instrumentos e estratégias que ofereceram desafios, situações problema a serem resolvidas, atividades contextualizadas, coerentes com as expectativas de ensino e aprendizagem, as quais possibilitaram que o aluno refletisse, elaborasse hipótese e expressasse seu pensamento.

2.4 RESULTADOS

Os resultados verificados após a realização da pesquisa investigativa para avaliar o perfil dos alunos das 6ª séries, do período matutino, da Escola Estadual Professor Léo Kohler – Ensino Fundamental, acerca da leitura e produção de texto em sala de aula, mostrou que, dos cento e quarenta e dois alunos entrevistados apenas seis gostam de ler em seu tempo livre e vinte e seis deles procuram regularmente livros, revistas e gibis para lerem, mas, de preferência, na escola. Quando o motivo de não gostarem de ler foi abordado em sala, os alunos disseram que as leituras eram muito chatas, grandes e desinteressantes. O aluno Diego (6ª A) chegou a questionar: “ler pra quê? Aonde vou usar isso? Meu pai não lê e não precisa disso pra nada...”. Segundo o aluno Eslei (6ª A) a leitura de livros é

uma chatice, “ler esse livro é tão chato que dá sono, minha mãe me obriga a ficar no quarto pra lê e eu durmo, mas não leio”.

Em nossa pesquisa constatamos também que os exemplos de pessoas leitoras e incentivadoras da leitura têm principalmente na mãe e depois na professora, visto ser a mãe a pessoa mais próxima deles e seu espelho. As alunas Patrícia (6ª A) e Gabrielle (6ª D) revelaram que suas mães lêem os mesmos livros que elas, conversam sobre a leitura feita, se gostaram dos personagens, quais os valores e atitudes positivas ou negativas contidas no enredo, o que poderiam ou não mudar na história. Colocaram também que essa troca de informações ajuda muito na hora dos trabalhos pedidos e na convivência com a família.

Além disso, suas preferências são bastante diversificadas, desde histórias de terror até a bíblia, passando pelas histórias de aventuras e gibis, de preferência histórias curtas, de fácil compreensão. O fato de alguns alunos lerem a bíblia chamou a atenção, mas justifica-se, pois esses alunos freqüentam as igrejas evangélicas e é um hábito da família. A aluna Jéssica (6ª A) disse que aos domingos ia à escolinha dominical e “lá a gente lê pedaços da Bíblia, faz desenhos das partes que leu, fala o que entendeu, é muito legal”. Interessante colocar que a maioria dos meninos gosta de livros de terror. Segundo o aluno Bruno (6ª A), “as histórias de terror são mais legais, aquela que eu mais gostei foi *O Drácula*, daquele livro que a professora trouxe na sala”.

Outro dado curioso mostra que a maioria dos alunos só utiliza à biblioteca da escola quando os professores solicitam algum trabalho e todos costumam receber livros de literatura em sala, pelas mãos da professora de língua portuguesa, para a prova do livro. Paulo, aluno da 6ª C, revelou só entrar na biblioteca para buscar o retro-projetor para a professora, “nunca peguei livro nenhum lá, só pego o livro que a professora dá na sala, mas não leio tudo não...”.

Em relação à escrita, a pesquisa constatou que os alunos só escrevem quando solicitados. Seus textos são produzidos de acordo com a proposta feita pelo professor, mas não o fazem com muita vontade e incentivo, porque só têm a professora como leitora dos seus textos. Os alunos foram questionados acerca de suas produções e falaram que não gostam de escrever porque a professora corrige o que escrevem e desconta a nota, não presta atenção nas idéias e na criatividade dos textos produzidos. O aluno Diego (6ª D) mostrou-se bastante descontente quando falou: “Fazer o texto pra quê? A professora risca tudo de vermelho, me

manda passar a limpo e desconta toda a nota, é melhor não fazer nada, pelo menos não perco meu tempo, já que não tenho nota mesmo”.

Baseados na pesquisa, orientados e apoiados pela teoria e refletindo sobre a prática diária, elaboramos e propusemos aos alunos algumas atividades que tiveram por princípio a utilização de estratégias que os auxiliassem a se tornarem leitores e escritores mais competentes, para saber manipular os textos da sociedade e conseguir, a partir de suas leituras e produções de sentidos, tornarem-se cidadãos, compreenderem, interferirem e transformarem a sociedade a sua volta.

Em relação à leitura, a professora levou os alunos à biblioteca e também os livros até à sala de aula, indicou pequenas histórias (contos), trocou informações sobre aqueles livros lidos, deixou-os manusear para despertar o interesse e emprestou-os com a condição de trocarem idéias sobre as histórias lidas.

Na semana seguinte, os alunos fizeram uma mesa redonda e o que surpreendeu foi que todos leram e falaram a respeito das histórias, contando para o restante da turma. Um dado interessante e positivo foi o aumento acentuado da procura de livros na biblioteca, a bibliotecária verificou, no mês de outubro, que os empréstimos para os alunos das 6ª séries cresceram cerca de 40%, depois dessa atividade de leitura. É importante colocar que a professora passou a ser muito procurada, na hora do intervalo, para ajudar os alunos na escolha de suas leituras. Normalmente, eles querem saber se ela já leu os livros, quais são mais interessantes, enfim, querem que ela faça sinopses e dê dicas nas próximas escolhas, o que demonstra que o objetivo de despertar ou reforçar o gosto pela leitura foi alcançado.

Quanto à escrita, as atividades foram elaboradas e as propostas foram realizadas em etapas e a conclusão de cada uma delas trouxe resultados bem melhores que os esperados. A proposta do projeto foi muito bem recebida por parte dos alunos, que se mostraram muito entusiasmados e dispostos a colaborar para a realização das atividades.

Nas leituras, individuais e coletivas dos contos, os alunos demonstraram muita cooperação, tecendo comentários, realizando a compreensão e a interpretação oral dos enunciados, emitindo opiniões sobre o que ouviram e leram a respeito do tema e relacionaram com outros textos que tinham conhecimento, também relataram experiências semelhantes vividas por eles ou pessoas conhecidas. O aluno Lucas e sua prima Vanessa (6ª C), são bastante tímidos, mas

ficaram tão entusiasmados que procuraram os avós para ouvirem as histórias da família e as recontaram na sala. A turma prestou muita atenção, principalmente quando contaram sobre a vida no sítio e a história da casa assombrada que lá existe. Isso incentivou os outros alunos a fazerem o mesmo. Um a um, os alunos contaram, escreveram e reescreveram as histórias ouvidas, tornando as atividades propostas mais agradáveis de serem desenvolvidas.

Ao criarem seus próprios contos, os alunos empregaram todos os conhecimentos adquiridos anteriormente e durante a aplicação do projeto, usaram de muita imaginação e criatividade, prendendo a atenção do leitor ao contar os fatos, envolvendo-o com a sua narrativa, fazendo-o espelhar-se e viver a história. Alguns alunos tiveram mais facilidade para criar histórias criativas e interessantes, entretanto alguns deles tiveram dificuldade em escrever com coerência e coesão, ficaram faltando algumas idéias e ações, mas, apesar disso, todos os alunos tentaram criar seus contos.

Durante a leitura dos contos produzidos pelos alunos para a turma, viu-se que todos estavam confiantes e atentos, prestavam atenção no professor e nos colegas, faziam perguntas e davam sugestões. A partir de então, a auto-estima passou a ser bastante elevada.

Ao reestruturarem seus textos, em grupo, sempre com o auxílio do professor, os alunos se mostraram comprometidos na atividade, pois arrumaram, completaram, alteraram passagens, melhoraram, acataram sugestões e reescreveram os textos até que cada autor considerasse que seu conto estava pronto. Nesta fase, os alunos mostravam-se sempre seguros de que faziam o melhor, o que nos leva a acreditar que escreviam com vontade, criando o gosto pela escrita e minimizando os problemas e dificuldades encontradas. Apresentamos a seguir o conto produzido pelo aluno Lucas Gusmão (6ª C), um exemplo da criatividade dos alunos inseridos no projeto e que consta da coletânea de textos:

MEU MELHOR AMIGO

Aquele dia foi muito especial, dona Marta teve um bebê. Ele era gordinho, tinha olhos azuis, cabelos loiros e pele bem clara. Seu Joaquim, que era engenheiro, ficou muito feliz, pois era seu primeiro filho.

Dona Marta e seu Joaquim deram o nome de Matheus para o menino. Aos três anos Matheus foi para a escola. Lá ele fez um amigo que se chamava Felipe, filho da Vivian, que trabalhava na relojoaria e do Eliseu.

Quando Matheus fez cinco anos, Felipe já era seu melhor amigo. Eles não se desgrudavam e viviam procurando lugares novos para irem.

Quando completaram dez anos resolveram ir à praia, tudo estava preparado. Eles combinaram que depois da escola iriam viajar com dona Marta para Camburiú. Matheus foi para a escola muito ansioso, só que Felipe não compareceu à aula.

Depois da aula, Matheus foi desesperado para casa, pegou o telefone e ligou para casa de Felipe. Seu Eliseu atendeu:

— Alô, seu Eliseu? É o Matheus.

— Oi!

— O Felipe está aí?

— Ele está no hospital, muito doente!

— Ah, tá, tchau!

— Tchau!

Matheus e dona Marta foram direto para o hospital. Chegando lá, dona Marta viu Vivian chorando muito.

Vivian chegou para dona Marta e disse:

— Ele está com câncer no estômago.

Matheus foi correndo para o quarto onde Felipe estava internado. Passou horas ao seu lado, vendo-o morrer aos poucos.

Felipe fechou os olhos e partiu.

Matheus quase chorando perguntou à dona Marta:

— Mãe, ele volta?

Ela respondeu sinceramente:

— Não!

O texto apresentado pode comprovar a capacidade criativa dos trabalhos apresentados pelos alunos envolvidos na aplicação do projeto. Assim, depois de prontos, o professor recebeu uma cópia de cada conto e em conjunto – alunos e professor - escolheram os melhores para a edição da coletânea e também combinaram o seu formato: o título, a diagramação, a capa, as ilustrações, etc.

Descobriu-se o talento artístico de vários alunos, através dos desenhos e ilustrações dos seus próprios contos e de seus colegas. Foi pedido aos alunos para ilustrarem a versão final de seu conto para entregarem ao professor, com isso percebemos que os alunos tinham um incentivo a mais para se dedicarem aos seus contos, além disso, observamos que alguns desenhos tinham excelente qualidade, revelando o talento artístico de vários alunos. Então, mesmo aquele aluno que não teve seu conto escolhido pôde ilustrar a história de seu colega, o que aumentou a auto-estima dos alunos, além de ser uma atividade prazerosa.

Todos os alunos também participaram entusiasmados da divulgação e a organização do lançamento da coletânea, durante a noite cultural, que contou com a

presença da comunidade escolar. O clima festivo da noite cultural que aconteceu durante as comemorações do cinquentenário da Escola contagiou a todos, principalmente os alunos, pois procuraram participar de alguma forma, quer fosse lendo um dos contos selecionados, montando os cenários ou fazendo parte das encenações das histórias, arrumando e decorando o local das apresentações e até fazendo questão de assistir as apresentações dos colegas em companhia dos familiares. Foi muito compensador observar a capacidade de organização e de trabalho dos alunos, bem como a habilidade e desenvoltura no palco, alguns alunos realmente demonstram um talento nato para o teatro.

Ao término da noite cultural, os alunos e os convidados foram presenteados com um exemplar da coletânea, o que aumentou a auto-estima dos nossos alunos, pois a comunidade pode apreciar e parabenizá-los pelo trabalho desenvolvido.

De volta à sala de aula houve a retomada e análise das etapas da proposta com os alunos, para fazer um balanço dos avanços e progressos que tiveram, bem como das dificuldades que ainda precisam ser transpostas. Com isso puderam realmente sentir que tiveram melhorias, entretanto constataram precisar ler mais, pois as leituras feitas ajudaram a escrever melhor, aumentaram o vocabulário, contribuíram para terem mais idéias, enfim ampliaram seus conhecimentos.

O fato de reestruturarem e reescrevem seus textos mostrou ser compensador porque puderam contar com a ajuda dos colegas e com a assistência do professor, que passou a ser mais um leitor dos textos produzidos e não apenas o único. Com isso, aumentou o interesse em escrever melhor e corretamente, pois muitas outras pessoas podem ser leitoras de seus textos, despertando, com isso, o interesse em melhorar a escrita.

Dessa forma, acreditamos ter estimulado nosso aluno a ler, a falar, a escrever e a compreender melhor o mundo em que vive com o planejamento, aliando a teoria à prática, que é uma ferramenta importante e que precisa ser explorada e planejada pelo professor para ter resultados efetivos.

3. CONCLUSÃO

Ler, falar, escrever e compreender o mundo são habilidades fundamentais para construir a cidadania. Pensando dessa forma é que acreditamos que a proposta de ação surtiu efeito porque atrelamos a teoria à prática, na tentativa de sanar ou pelo menos minimizar as dificuldades que alguns alunos encontram em relação à leitura, à fala e à escrita.

A partir da análise dos dados levantados na pesquisa sobre os alunos pudemos perceber as dificuldades que alguns deles apresentam e a partir disso buscar soluções para alguns problemas enfrentados pelos professores durante o processo de ensino-aprendizagem de leitura e escrita.

O primeiro aspecto considerado foi reunir a teoria apresentada para subsidiar o trabalho com leitura e escrita e a prática do professor para planejar e elaborar atividades com textos literários em prosa, em especial com contos e aplicá-las em forma de uma seqüência de etapas.

O segundo aspecto refere-se à avaliação dos resultados das atividades desenvolvidas com os alunos, para verificar se contribuíram para o desenvolvimento e estímulo do gosto pela leitura e escrita. É preciso levar os jovens a criarem e a experimentarem diferentes estratégias, planejadas e exploradas pelo professor, para enfrentarem as dificuldades encontradas.

Dessa forma, o professor pode descobrir caminhos para incentivar e ampliar as habilidades de fala, leitura e escrita críticas no aluno, ampliando sua capacidade comunicativa e sua inserção social.

4. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992a.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992b.

BRAIT, B. (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2 ed. Campinas: Unicamp, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental: Língua Portuguesa*. Brasília, 1998.

CÂNDIDO, Antônio et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1968.

CASCUDO Luís da Câmara. *Contos Tradicionais do Brasil*. 12 ed. São Paulo: Global, 2003.

CURTY, Marlene Gonçalves; CRUZ, Anamaria da Costa; MENDES, Maria Tereza Reis. *Apresentação de Trabalhos Acadêmicos, Dissertações e Teses*: (NBR 14724/2005). 2. ed. Maringá: Dental Press, 2006.

FARIA, Maria Alice (org.). *Narrativas juvenis: modos de ler*. São Paulo: Arte&Ciência; Assis: Núcleo Editorial Proleitura, 1997.

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: Universidade de Brasília, 1998.

GUIMARÃES, Maria Flora. O conto popular. In: BRANDÃO, Helena Nagamine (Coord.). *Gêneros do discurso na escola*. São Paulo: Cortez, 2000.

LESSA, Orígenes. A Aranha: conto. In: BORGATO, Ana Maria Trinconi; BERTIN, Terezinha Costa Hashimoto; MARCHEZI, Vera Lúcia de Carvalho. *Tudo é linguagem: manual do professor, obra em 4v. para alunos de 5ª a 8ª série/ 6ª série – Língua Portuguesa*. São Paulo: Ática, 2007.

MENEGASSI, Renilson José. *Compreensão e interpretação no processo de leitura: noções Básicas ao professor*. *Unimar*. Maringá, v. 17, n. 1, p. 85-94, 1995.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. *Diretrizes Curriculares De Língua Portuguesa Para Educação Básica*. Curitiba, 2006. Disponível na página do Portal Educacional do Estado do Paraná:<
http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/portal/diretrizes/pdf/t_portugues.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2007.

PARANÁ. Secretaria do Estado da Educação. *Projeto de Correção de Fluxo: Língua Portuguesa*. Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária – CENPEC, 1997.

ROGEL, Samuel (org.). *Manual de Teoria Literária*. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

TELLES, Lygia Fagundes. Biruta: conto. In: *De conto em conto: antologia de contos / ilustrações Orlando*. São Paulo: Ática, 2001. Coleção literatura em minha casa, v. 2, p. 10-19.

5. ANEXO

ESCOLA ESTADUAL PROFESSOR LÉO KOHLER

ENSINO FUNDAMENTAL



O CONTO DE TODO DIA



1ª COLETÂNEA DE TEXTOS

TERRA BOA
2008